

Companhia Nacional de Bailado vezes dois

A Companhia Nacional de Bailado traz um programa duplo ao Festival, com peças do seu actual director artístico, Fernando Duarte (*Quatro cantos num soneto*, em estreia), e de Sharon Eyal (*The Look*).

Partindo da performance criada para a reabertura do Teatro Camões após as obras de requalificação, em Outubro passado, Fernando Duarte criou *Quatro cantos num soneto*, uma estreia absoluta que parte do universo dialógico da performance, da poesia e da música. Nesta nova peça, as bailarinas da CNB serão acompanhadas por música, vozes e palavras que modelam os seus próprios gestos e corporificam a memória e a contemporaneidade de Camões.

A segunda peça deste programa — *The Look*, de Sharon Eyal — teve a sua estreia também em Outubro do ano passado no Teatro Camões. Nesta criação, criada originalmente em 2019 para a companhia Batsheva Dance Company, deparamo-nos com uma intensa fisicalidade e um movimento simultaneamente fluido e mecânico, criando um efeito iminente-mente hipnótico. A coreógrafa israelita explora a relação entre os intérpretes e o espaço, utilizando movimentos repetitivos e sincronizados, que captam a atenção do público desde o primeiro momento.

Amanhã às 21h30 e Sexta-feira às 19h00, na Sala Principal do Teatro Municipal Joaquim Benite.



©Hugo David



Eleição do Espectáculo de Honra 2026

A eleição da peça que regressará em 2026 como Espectáculo de Honra decorre no último dia do Festival, à entrada para o espectáculo do Palco Grande. A lista de peças a votação é a seguinte:

«**Les gros patinent bien – cabaret de carton**», um espectáculo de Pierre Guillois e Olivier Martin-Salván, pela Compagnie Le Fils du Grand Réseau;

«**Um adeus mais-que-perfeito**», de Peter Handke, encenação de Teresa Gafeira, pela Companhia de Teatro de Almada;

«**A casa morreu – Diário de uma República III**», a partir de fotografias de Augusto Brázio, direcção artística de Fernando Giestas, pela Amarelo Silvestre;

«**Há qualquer coisa prestes a acontecer**»,

de Victor Hugo Pontes, pela Nome Próprio
«**S'assurer de ses propres murmures**», de Julien Clément e Pierre Pollet, pelo Collectif Petit Travers;

«**Monóculo, retrato de S. von Harden**», de Stéphane Ghislain Roussel, encenação de Rui Neto, pela LOBOMAU produções;

«**El Rey que fue**», de Albert Boadella e Ramon Fontserè, encenação de Albert Boadella, pelos Els Joglars;

«**El mar – visión de unos niños que no lo han visto nunca**», uma criação de Xavier Bobés e Alberto Conejero;

«**Teatro Delusio**», de Paco González, Björn Leese, Hajo Schüller e Michael Vogel, pelos Familie Flöz;

«**Zugzwang**», de Mathieu Bleton, Mosi Espinoza, Jonas Jullian, Karim Messaoudi e Cyril Pernot pelo, pelo Galactik Ensemble;

«**Quatro cantos num soneto**», de Fernando Duarte, e «**The Look**», de Sharon Eyal, pela Companhia Nacional de Bailado.

“El Mar” na Esplanada

Amanhã às 18h00 decorre na Esplanada um colóquio com Alberto Conejero López e Xavier Bobés, os criadores de *El mar- visión de unos niños que no lo han visto nunca*. Esta peça debruça-se sobre a ameaça à democracia por parte daqueles que vivem obcecados pelo poder absoluto. Alberto Conejero López é formado em Encenação e Dramaturgia pela Real Escuela Superior de Arte Dramático de Madrid, sendo doutorado pela Universidad Complutense de Madrid e tendo publicado mais de uma dezena de textos dramáticos. Xavier Bobés é um cenógrafo que se define como autodidacta. Dedicar-se à pesquisa de quaisquer objectos do quotidiano, para os transformar em poesia. Colabora frequentemente com outros artistas, aconselhando-os na pesquisa e nos processos de escrita relacionados com o ‘teatro de objectos’. A conversa será moderada por Eugénia Vasques.

Restaurante da Esplanada

HOJE

Chili com carne
Bacalhau à Gomes de Sá
Caril de lentilhas e espinafres

AMANHÃ

Rissotto de cogumelos e frango no forno
Sardinhas fritas com salada de favas
Bolonhesa de cogumelos

O Livro do Dia



2€ nas bancas do Festival

Agenda de Amanhã

**CURSO “O SENTIDO DOS MESTRES”
COM ALBERTO CONEJERO**
Casa da Cerca — 15H00

**CONVERSA COM ALBERTO
CONEJERO E XAVIER BOBÉS,
CRIADORES DE “EL MAR”**
Esplanada — 18H00

O BORDÃO CABO-VERDIANO
Esplanada — 20H00

**UM ADEUS
MAIS-QUE-PERFEITO**
TMJB — 21H30

**EL MAR — VISIÓN DE UNOS NIÑOS
QUE NO LO HAN VISTO NUNCA**
Academia Almadense — 21H30

**QUATRO CANTOS NUM SONETO
& THE LOOK**
TMJB — 21H30

“Quando escreves, a tua obra sabe sempre mais sobre ti do que tu”

Ao segundo dia do curso *O sentido dos Mestres* com o dramaturgo Alberto Conejero, apaixonados o fio da meada no ‘desejo’, assunto que tinha encerrado a primeira sessão. O desejo vem “do que não se tem” e constrói em nós imagens das quais não somos donos. Pode ser uma ameaça, pode ser terrível e maravilhoso, inspirar medo e entusiasmo. E qual é, afinal, o maior desejo de Hamlet, príncipe da Dinamarca? Precisamente o de não ser Hamlet, o de não ser príncipe da Dinamarca.

“Quando escrevo teatro tenho de me perguntar: qual é o meu desejo?”. Ao construir *El mar: visión de unos niños que no lo han visto nunca* (para quem ainda não viu: corram! A última sessão é amanhã, 17 de julho, às 21h30 na Academia Almadense), o desejo de Conejero era que o seu país tivesse uma história diferente. Escreveu este comovente espectáculo na sua condição de “filho do que não aconteceu”, de “herdeiro de uma possibilidade apagada”. “Quando comesas a escrever, a tua obra sabe sempre mais sobre ti do que tu”, diz.

A partir dos quatro pontos-guião para a escrita de teatro (e para este curso) – Espaço,

Tempo, Personagem e Conflito – e que têm entre si uma relação de consubstancialidade, a sessão de ontem concentrou-se na importância do Espaço. De quantos espaços dramáticos preciso para contar a minha história, e porquê? O espaço teatral condiciona profundamente a escrita, a história e as personagens, sendo por isso essencial “pensar e ouvir a poética dos espaços”. “Sejam generosos com os espaços, como faz Lorca”, aconselha o dramaturgo.

Não há espaços neutros – no teatro todos os espaços têm significado e ‘dono’. A quem pertence aquele lugar? Quem está dentro e quem está fora? Quem foi expulso? E quando entra uma personagem, de onde vem e que espaço exterior traz consigo? E por que não se vai embora? Tão importante é o que está presente, como o que está ausente.

Adivinhem qual é a obra essencial – obrigatória! – para quem quer escrever teatro? Uma pista: começa com “Quem está aí?”. Amanhã (e sempre!) voltaremos a ela.

INÊS RODRIGUES

Mascarados e desmascarados

Entrou para a escola de teatro físico aos 19 anos, seguro de que “era mesmo isto”. Thomas van Ouwerkerk, um dos actores do elenco da companhia Familie Flöz, chega mesmo a levantar-se da cadeira para responder com o corpo a algumas das questões colocadas. O corpo é a sua palavra neste teatro sem palavras, mesmo confessando mais adiante que às vezes as sussurra.

Um *whisper* indecifrável para o público, um embalo para o movimento, ou, numa visão menos poética, uma bengala. Thomas assume que sim, desmascarando uma parte ínfima do intérprete por detrás da máscara. Sem voz, e sem cara, o corpo agiganta-se na interacção com o público, é o centro das atenções: “Aconteceu comigo o que acontece com cada novo actor que entra para a companhia; pensamos a que máscara nos esconde, mas quando a colocamos a atenção do público desvia-se do rosto para o corpo, e ficamos desprotegidos, como se estivéssemos nus”.

É de Luigi Pirandello a seguinte frase: “Ao longo do teu caminho conhecerás, todos os dias, milhões de máscaras, e muitos poucos rostos”. Talvez resida também aqui o sentido deste *Teatro Delusio*, a peça que bri-

Ihou ao luar de Almada, perante um público “quente”, como descreveu Thomas, olhos nos olhos com muitos dos que foram assistir ao espectáculo. Um público regalado, será também justo dizer, a julgar pelos elogios feitos e pelo sorriso dos testemunhos escutados na Esplanada. Confirmando que o teatro também é isto. A arte de dizer tudo, sem uma única palavra.

TERESA DIAS MENDES



© Pedro Castanheira